


CULTURA CORPORAL COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: A POTENCIALIDADE DAS PRÁTICAS CORPORAIS

BODY CULTURE AS A TERRITORY FOR TEACHER TRAINING: THE POTENTIAL OF BODY PRACTICES

LA CULTURA CORPORAL COMO TERRITORIO DE FORMACIÓN DOCENTE: EL POTENCIAL DE LAS PRÁCTICAS CORPORALES

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-148>

Data de submissão: 13/05/2025

Data de publicação: 13/06/2025

Abel Lopes Xavier

Prof. Dr. Universidade de São Paulo - FEUSP

E-mail: abellxavier@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9246-1069>

Katia Silva Souza dos Anjos

Profa. Dra. Centro Universitário Senac-SP

E-mail: ktiadosanjos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9135-1871>

Mônica Caldas Ehrenberg

Profa. Dra. Universidade de São Paulo - FEUSP

E-mail: monica.ce@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2445-1362>

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre o papel das práticas corporais na formação de professoras, destacando o processo de desenvolvimento de uma cultura do e no corpo. Para isso, valeu-se do trabalho realizado junto à disciplina EDM0677 - Cultura Corporal: Fundamentação, Metodologia e Vivências, ministrada para estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de São Paulo. O foco da análise se dirige a partir da experiência vivida no primeiro semestre de 2022, momento que marca uma volta gradual às aulas, após a pandemia de COVID-19. A experiência, conforme será apresentada, significou uma importante retomada aos estudos das práticas corporais das professoras em formação. Isto, pois, a falta do corpo a corpo, gerada pela forçada educação à distância do período pandêmico, havia causado muitos receios à interação e ao toque. Este artigo retoma inquietações acerca da formação de professoras e objetiva debruçar-se em três aspectos convergentes: **uma proposta de significação do conceito de cultura que se apoia no corpo; a potencialidade das práticas corporais na formação de professoras¹, o pensamento de aula como território de culturas.** Para isso, se pautou por uma metodologia de pesquisa qualitativa que articula a prática vivenciada, os registros fotográficos, diário de campo, percepções das alunas advindas de comentários durante as aulas, os planejamentos das aulas atrelados a conceitos e proposições vindos de autores que consideram o corpo como eixo do ensino e da aprendizagem, assim como agente de transformação da realidade escolar. A partir da pesquisa realizada foi possível refletir e reafirmar a importância das práticas corporais na

¹ Ao longo do texto falaremos das estudantes da disciplina sempre no feminino, visto que a maioria da turma era composta por mulheres.

formação de professoras, assim como fundamentar debates sobre um pensamento de aula que se apoia no corpo e suas possibilidades de criação, recepção, sensibilidade, presença, ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Formação de professoras. Corporalidade. Cultura corporal.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the role of body practices in teacher training, highlighting the process of developing a culture of and in the body. To this end, it used the work carried out in the discipline EDM0677 - Body Culture: Foundation, Methodology and Experiences, taught to students of the Bachelor's Degree in Pedagogy at the University of São Paulo. The focus of the analysis is based on the experience lived in the first semester of 2022, a moment that marks a gradual return to classes, after the COVID-19 pandemic. The experience, as will be presented, meant an important resumption of studies of the body practices of teachers in training. This is because the lack of body-to-body contact, generated by the forced distance learning of the pandemic period, had caused many fears about interaction and touch. This article revisits concerns about teacher training and aims to focus on three convergent aspects: **a proposal for the meaning of the concept of culture that is based on the body; the potential of body practices in teacher training², and the idea of the classroom as a territory of cultures.** To this end, a qualitative research methodology was used that articulates the practice experienced, the photographic records, the field diary, the students' perceptions resulting from comments made during classes, and the lesson plans linked to concepts and propositions from authors who consider the body as the axis of teaching and learning, as well as an agent of transformation of the school reality. Based on the research carried out, it was possible to reflect and reaffirm the importance of body practices in teacher training, as well as to support debates on a way of thinking about the classroom that is based on the body and its possibilities of creation, reception, sensitivity, presence, teaching and learning.

Keywords: Teacher training. Corporeality. Body culture.

RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre el papel de las prácticas corporales en la formación docente, destacando el proceso de desarrollo de una cultura del y en el cuerpo. Para ello, se utilizó el trabajo realizado en la disciplina EDM0677 - Cultura Corporal: Fundamento, Metodología y Experiencias, impartida a estudiantes de la Licenciatura en Pedagogía de la Universidad de São Paulo. El análisis se centra en la experiencia vivida en el primer semestre de 2022, momento que marca el retorno gradual a clases tras la pandemia de COVID-19. Esta experiencia, como se presentará, supuso una importante reanudación de los estudios sobre las prácticas corporales de los docentes en formación. Esto se debe a que la falta de contacto cuerpo a cuerpo, generada por la educación a distancia forzada durante la pandemia, había generado muchos temores sobre la interacción y el tacto. Este artículo retoma las preocupaciones sobre la formación docente y se centra en tres aspectos convergentes: **una propuesta para el significado del concepto de cultura basado en el cuerpo; el potencial de las prácticas corporales en la formación docente³, y la idea del aula como territorio de culturas.** Para ello, se empleó una metodología de investigación cualitativa que articula la práctica vivida, los registros fotográficos, el diario de campo, las percepciones del alumnado a partir de los comentarios realizados durante las clases y las planificaciones de clase, vinculadas a conceptos y propuestas de autores que consideran el cuerpo como eje de la enseñanza y el aprendizaje, así como agente de transformación de

² Throughout the text we will always speak of the students of the subject in the feminine, since the majority of the class was made up of women.

³ A lo largo del texto hablaremos siempre del alumnado de la asignatura en femenino, ya que la mayoría de la clase estaba formada por mujeres.

la realidad escolar. A partir de la investigación realizada, fue posible reflexionar y reafirmar la importancia de las prácticas corporales en la formación docente, así como impulsar debates sobre una forma de pensar el aula basada en el cuerpo y sus posibilidades de creación, recepción, sensibilidad, presencia, enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: Formación docente. Corporeidad. Cultura corporal.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CHAMADO A UMA CULTURA CORPORAL

Universidade de São Paulo, Campus Butantã, cidade de São Paulo. Março de 2022.

As alunas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação chegavam timidamente na parte externa do prédio em que comumente ocorriam as aulas, procuravam se sentar em bancos largos e distantes o suficiente para que a intimidade não fosse necessária, o olhar permanece vago e a interação pouca. O cronograma da disciplina optativa “EDM 0677- *Cultura Corporal: Fundamentação, Metodologia e Vivências*” dizia que a chegada deveria ser pontualmente, às quintas-feiras, 19h30. No primeiro dia muita gente veio, eram 60 alunas inscritas. Já de início o aviso de que, por conta da pandemia de COVID -19 ainda muito preocupante apesar do arrefecimento, as medidas de segurança seriam necessárias, impossível ter aulas com toda a turma o tempo todo, era necessário s-e-p-a-r-a-r. Turmas A e B foram divididas arbitrariamente a partir da ordem alfabética. No primeiro encontro e no segundo, todas as matriculadas estariam em aulas ao ar livre. A partir daí, turmas A e B se revezariam quinzenalmente para aulas no LabCORPO⁴, espaço de aula da FE-USP dedicado às aulas que prescindiam de uma presença mais ampliada, de um corpo mais sensível, mais disposto a descobertas. Os olhos das alunas que ainda faziam fronteiras com as máscaras PFF2, de proteção adequada a um possível contato, acompanhavam fixamente os recados da professora responsável pela disciplina, bem como dos seus bolsistas, orientandos de doutorado que participavam do PAE - Programa de Aperfeiçoamento de Ensino⁵ que participariam ativamente da condução das aulas.

Era dia 17 de março de 2022.

Este artigo conta parte dessa trajetória dando luz ao papel das práticas corporais no assentamento de uma cultura corporal formativa e de uma formação corporal que se dá pela cultura. Desde já é patente dizer que o estudo aqui proposto vale-se da análise dos planejamentos de aula, de registros fotográficos, das manifestações das participantes e de uma linha teórico-conceitual de pensamento e prática corporal que pode contribuir para a formação de professoras pedagogas. A experiência com a disciplina em questão, neste sentido, é parte de uma investidura contemporânea que propõe o destronamento de uma concepção de ensino que se enclausura unicamente nos aspectos racionais- incorpóreos - e vai dar a ver um caminho de desenvolvimento professoral que se aloca no corpo, ao considerar este um lugar de conhecimento e, principalmente, de produção de conhecimento

⁴ Laboratório de Práticas Corporais da Faculdade de Educação da USP que consiste em uma sala ampla, com piso em madeira flutuante própria para atividades com impacto, espelhos nas paredes e livre de mobília.

⁵ Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da Universidade de São Paulo que se destina exclusivamente a alunos de Pós-Graduação matriculados na Universidade de São Paulo nos cursos de mestrado e doutorado. Seu principal objetivo é aprimorar a formação do pós-graduando para atividade didática de graduação.

(Rufino, 2021).

A pesquisa vivida é, portanto, parte de uma trajetória de ensino que se alinha ao que podemos chamar de educação de corpo inteiro ou, visto de outra forma, um ensino que olha para as professoras em formação pelo viés da relação entre sujeitos e sua cultura (Ehrenberg, Miranda, Carbinatto, 2022)

Para tal, este artigo parte de uma breve porém necessária delimitação de um conceito de cultura, a fim de que o trato com a análise de dados seja margeada por um pensamento que coloca a corporalidade da professora em formação no centro da perspectiva cultural. Vale explicitar, desde já, que a corporalidade aqui será compreendida como um “conceito que se encontra carregado de intencionalidade como toda ação humana o é, em sua dimensão política. Tem, portanto, um conteúdo de denúncia e de anúncio”. (Silva, 2014, p. 16)

Este contorno em volta do que podemos chamar de cultura numa perspectiva corporal, ou apenas cultura corporal, está diretamente ligado ao papel que a vivência das aulas se mostrou ter no momento em que se desenvolveu - logo após a abertura social no pós pandemia. Para nós, tornou-se patente a construção de um momento de aula que atuasse na maneira como as participantes viam a noção de contato, contágio, coletividade, sensibilidade, liberdade e conhecimento, ou seja, como viam seus próprios corpos-presenças em formação depois de meses de afastamento forçado. Tudo isso estava à baila de maneira muito marcada pelo momento histórico que vivíamos naquela ocasião em que o contato era sinônimo de contágio, doença e perigo. O corpo do outro ainda era perigoso naquele momento e, portanto, era urgente que se conduzissem experiências dando às alunas condições para inventar seus próprios fins no que tangia às práticas corporais, o que Teixeira Coelho (2012) chamaria de ação cultural. Ao invés de apenas instrumentalizá-las com práticas e procedimentos usados, era objetivo para esse processo de formação de professoras que a experiência por si só transformasse olhares e valores do papel do corpo nas relações de ensino e aprendizagem. Afirma-se portanto, desde aqui, a tênue fronteira entre educação e cultura.

As reflexões também passarão pela apresentação e entrelaçamento conceitual das práticas corporais como trilha metodológica para a formação de professoras. As práticas corporais foram o fio condutor para que as vivências se encaminhassem na construção de um território de culturas, espécie de rede identitária que se revelaria à medida que o trabalho ia se encaminhando.

2 METODOLOGIA

Este trabalho pautou-se por um percurso de pesquisa qualitativa que articula a prática vivenciada, os registros fotográficos e percepções das alunas advindas de comentários durante as aulas, os planejamentos de aula à conceitos e proposições vindos de autores que consideram o corpo como

eixo do ensino e da aprendizagem, assim como agente de transformação da realidade escolar. A pesquisa qualitativa é este campo investigativo cujas perguntas não são da ordem do estritamente mensurável, quantificável e generalizável. Documentos, imagens, vídeos, relatos entre outros registros compõem o cenário da pesquisa qualitativa que aqui nos apoiamos (Flick, 2009).

Nesta pesquisa foi considerada a força da ação de professores-pesquisadores-alunas no momento do acontecimento. Assentados numa ideia de “metodologia minúscula” que rompe “com a normativa do método enquanto condição de cientificidade” (Guedes; Ribeiro, 2019, p.18), apoiando-se nas múltiplas formas de vida, de experiências e diálogos. A análise dos registros deu-se de forma descritiva e interpretativa.

O processo de análise perdurou quinze semanas, tempo destinado ao cumprimento da disciplina de graduação EDM0677 - Cultura Corporal: Fundamentação, Metodologia e Vivências. A referida disciplina faz parte do currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de São Paulo e se apresenta com o caráter de disciplina optativa. Desta forma, ainda que algumas alunas se matriculem de modo desavisado ou por necessidade de cumprimento de créditos adicionais, podemos afirmar que a grande maioria das envolvidas no processo manifesta que a escolha pela disciplina se dá por considerar a importância da temática ou ainda por identificar lacunas acerca do tema na totalidade do currículo.

Naquele segundo semestre de 2022, foram 60 alunas matriculadas ao todo e 50 concluintes da disciplina. A turma em processo de investigação e análise cumpriu a disciplina no período noturno.

A disciplina, conforme já explicitado anteriormente, foi ministrada pela docente responsável, além de dois pós-graduandos em nível de doutorado, participantes do programa de aperfeiçoamento docente da universidade. Todos os envolvidos são, respectivamente, autores deste texto.

Ao longo de todo o processo, com a devida autorização das participantes, as aulas foram fotografadas e gravadas em áudio todas as rodas de conversa. Além disso, um diário de campo foi sendo tecido com comentários, percepções e observações que os três envolvidos notavam ao longo das aulas. O fato de contarmos com a presença de três mediadores do processo facilitava os registros e condução das propostas que foram planejadas coletivamente. A este respeito, vale mencionar que todos os encontros foram subsidiados por um material bibliográfico que contribuía com a reflexão temática do encontro. Não existia uma regra para o momento de roda de conversa, ora a aula partia da discussão de um texto seguida de uma vivência corporal, ora o contrário. Teoria e prática se fundiam dando espaço para a experiência da reflexão acerca da necessidade de superação de mais esta dicotomia.

A identificação nominal das participantes foi resguardada e identificadas apenas com letras alfabéticas, tendo em vista que a autorização concedida para registros da aula referia-se ao anonimato das manifestações orais.

3 RESULTADOS

3.1 UMA PROPOSTA DE SIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA QUE SE APOIA NO CORPO

Para definir, brevemente, o conceito de cultura, acessamos a obra de Williams (2007) que inicia a problematização de tal palavra afirmando ser ela uma das mais complicadas da língua inglesa. O autor debruçou-se historicamente no desenvolvimento dessa palavra, e apontou três categorias amplas e ativas de seu uso.

...(i) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir de S18; (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, desde Herder e Klemm. Mas também é preciso reconhecer (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. Com frequência, esse parece ser hoje o sentido mais difundido: cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema. (Williams, 2007, p.121)

Em seu texto, Williams (2007), explicita o significado da palavra ao longo do tempo, evidenciando a vivacidade da língua humana na produção semântica. No excerto, supracitado, nota-se que o sentido mais difundido aproxima a palavra cultura ao campo artístico. Podemos afirmar que esta dimensão é também a que paira no senso comum, que entende a cultura como certo eixo ao redor do qual certas práticas artísticas são protagonistas, geralmente aquelas que se alinham a lugares e imaginários hegemônicos. Não é raro o discurso de que cultura é aquela pessoa letrada em conhecimentos de literatura, versada em referências do campo acadêmico tradicional e sabedora de obras artísticas canônicas. Contudo, cultura é também uma palavra que carrega em si uma multiplicidade de informações e significados, sendo possível anexá-la à formação de outros conceitos, como em nosso caso: cultura corporal. Para além das práticas artísticas, mas também dentro delas, cultura diz respeito ao campo da vida que trata dos valores, hábitos, escolhas, saberes do dia a dia, sentidos de organização, hierarquias e bem viver. Isaura Botelho (2001) chamará essa perspectiva mais ampliada de dimensão antropológica de cultura.

Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma

relativa estabilidade. Desse modo, a cultura fornece aos indivíduos aquilo que é chamado por Michel de Certeau, de "equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários".

Os fatores que presidem a construção desse universo protegido podem ser determinados pelas origens regionais de cada um, em função de interesses profissionais ou econômicos, esportivos ou culturais, de sexo, de origens étnicas, de geração, etc. Na construção desses pequenos mundos, em que a interação entre os indivíduos é um dado fundamental, a sociabilidade é um dado básico. (Botelho, 2001, p. 74)

A dimensão antropológica da cultura, aquela como modo particular de vida, ou como *mundos de sentido*, é a que adotaremos aqui para pensarmos a ideia de cultura corporal. Esse sentido nos permite refletir sobre a corporalidade esperada das professoras. Pessoas que já possuem experiências corporais prévias, pois não chegam vazias à prática acadêmica, mas que podem transformar sua corporalidade a partir dos novos conhecimentos construídos na vivência oportunizada em sua formação inicial. Para Daolio (2007, p.36) “é possível discutir o corpo como uma construção cultural, já que cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes.”

O ser humano se faz sujeito do (com o) mundo a partir da relação entre seu corpo e o meio social, cultural, assim se constroi enquanto corporalidade, um conceito ampliado que entende o corpo para além de sua biologia. “O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração.[1]”⁶ (Daolio, 2007, p.39). O autor ainda nos conduz ao entendimento de que o corpo é produto da cultura na qual ele está inserido; evidentemente, assim como a cultura se transforma com o tempo, o corpo sendo seu produto, passa por mudanças e incorpora aquilo que de fato o atravessará como experiência.

O conceito de cultura corporal é imprescindível numa perspectiva de educação para formação de professoras, que independentemente de serem pedagogas, professoras de educação física, de artes, ou do que quer que seja, atuarão em contextos cujas culturas e corporalidades ali presentes, além da sua própria, devem ser consideradas. Como afirma Ehrenberg (2014, p. 187), “torna-se necessário que a Educação Física e os professores que atuam com ela se conscientizem das relações embutidas nas manifestações da cultura corporal, para nelas identificar as representações advindas dos diferentes grupos sociais.”

A experiência oportunizada às professoras ainda num final de momento pandêmico, permitiu-nos uma compreensão viva do objeto de estudo “cultura corporal”. Vivo, porque nunca nossa geração sentiu tanta falta do corpo a corpo, vivo porque foi possível perceber a relevância de uma educação de corpo inteiro. Williams (2011, p.358) destaca que

uma cultura, enquanto está sendo vivenciada, é sempre em parte desconhecida e em parte não

⁶ A palavra está redigida como no original.

percebida. A construção de uma comunidade é sempre uma exploração porque a consciência não pode preceder à criação, e não existe nenhuma fórmula para a experiência desconhecida. Uma boa comunidade, uma cultura viva, irá, por causa disso, não só dar espaço para que todos e cada um possam contribuir para o avanço da consciência que é a necessidade comum, mas também irá lhes encorajar para que isso ocorra.

Houve encorajamento por meio das práticas corporais experienciadas, mesmo com medo do invisível, da contaminação viral. A possibilidade de reflexão após as experimentações, e criações, revelaram a riqueza da cultura viva.

Margeados por uma dimensão antropológica de cultura, aquela que nos permite pensá-la como espaço de possibilidade do que é cotidiano e comum, que atravessa o corpo e é produzida e protagonizada por ele, passemos agora à análise dos dados observados durante o oferecimento da disciplina que foi campo desta pesquisa.

3.2 A POTENCIALIDADE DAS PRÁTICAS CORPORAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS

O corpo é o lugar da experiência, por meio dos sentidos - tato, visão, olfato, audição etc - apreende-se o mundo. E aprendemos com o mundo, como disse Freire (2016, p.25-26) “...foi aprendendo socialmente que historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.” Nossa corporalidade é construída no cotidiano, na relação com os aspectos culturais que formamos e nos formam. No dia a dia, o nosso processo de formação não passa por uma intencionalidade muito bem definida, estar no mundo cotidianamente propicia esse aprendizado sem muitos contornos, mas cheio de corpo. Dentro de um contexto acadêmico, contudo, a experiência da corporalidade ganha intencionalidade e reflexão. Uma formação, no nosso caso a formação de professoras, busca viver o corpo na medida em que se pensa sobre ele, teórico-praticamente, de forma indissociável.

Sabemos que

Se a experiência do corpo é tão formativa do nosso ser e da nossa conexão com o mundo, se (nas palavras de Husserl), o “Corpo é (...) *o meio de toda percepção*”⁷, então a consciência corporal certamente merece ser cultivada, não apenas para aumentar sua acuidade perceptual e para apreciar as satisfações dela advindas, mas também para não fugir ao mandamento fundamental da filosofia de “conhecer a si mesmo”, que Sócrates tomou do templo de Apolo em Delfos para iniciar e inspirar sua demanda filosófica fundadora. (Shusterman, 2012, p.27-28)

Esse cultivo intencional pode conduzir as professoras a uma compreensão de si, de sua corporalidade conforme apresentado na perspectiva de Ehrenberg e Ayoub (2020), para que lecionem

⁷ “Edmundo Husserl, Ideas Pertaining to a Pure Phenomenological Philosophy, trad. R. Rojcewicz e A. Schwer (Boston: Kluwer, 1989), 61. Os itálicos são de Husserl.”

de um modo inteiro, de corpo inteiro. Antes de ensinar, e também junto a isso, vive-se o aprender, o se conhecer. Formar-se pedagoga passa por esse caminho de descoberta de seu próprio corpo. Como destacam Ehrenberg e Ayoub (2020, p.5), “além da formação acadêmica e pedagógica, torna-se fundamental uma formação prática, cultural e investigativa que permita estabelecer relações efetivas entre o campo teórico e o contexto de trabalho.”

As práticas corporais, nome dado ao conjunto de atividades socialmente construídas e sistematizadas como jogos, brincadeiras, danças, esportes, entre outras, numa perspectiva culturalista, devem propiciar vivência e reflexão crítica (Ehrenberg e Ayoub, 2020). Para isso, além de um plano de ensino adequado, um ambiente propício às vivências deve ser disponibilizado, o que foi possível por conta da criação do “Laboratório de práticas corporais -LabCORPO” na FEUSP. Esse espaço sem mesas e carteiras, com piso de madeira, permitiu outra disposição das pessoas e, com isso, novas perspectivas de interação e compreensão do corpo em intencional processo de aprendizagem.

O objetivo da disciplina era experimentar, num contexto de formação de professoras, a prática pedagógica de algumas manifestações da cultura corporal, conforme consta no plano de ensino. Desse modo, algumas vivências foram oportunizadas, como: jogos e brincadeiras de reconhecimento e pertencimento; atividades de reconhecimento de si e do outro; vivência corporal dos jogos e brincadeiras cantadas; processo criativo em dança; processo criativo em teatro; processo criativo em capoeira.

Em diálogo com a proposta da disciplina, e parte dela, o trabalho se preocupou primeiro em saber quais corporalidades chegavam na aula. Esta pergunta guiou o trabalho de planejamento da disciplina e a recepção das alunas, com práticas de jogos em que as participantes precisavam se apresentar por meio de seu próprio corpo. Num contexto ainda com resquícios pandêmicos, as máscaras eram acessórios obrigatórios, certa distância preferível e álcool em gel sempre à mão. O medo do contato era a tônica, logo, era preciso construir uma cultura de intimidade, abertura e leveza, bem como um senso de coletividade saudável, tudo o que não havíamos tido nos meses da doença. O corpo das estudantes era nosso material de trabalho e também conteúdo, uma vez que numa perspectiva de prática corporal, levar em consideração os saberes prévios, saberes estes que são também o corpo, é de suma importância. E, naquele contexto, o corpo coletivo era certamente o pandêmico, o do distanciamento.

Na contramão desta realidade, as duas primeiras aulas foram dedicadas, portanto, à integração, ao contato e à certa cultura de intimidade, momento no qual foi estimulada a troca de olhares, a respiração consciente e, com isso, a abertura ao coletivo e à troca. Estratégias que pavimentaram certo parâmetro para tudo o que viria depois. Na sequência das aulas, dedicamos tempo para que uma

experiência focada no toque fosse desenvolvida. Aqui, portanto, partimos do conhecimento de si para o conhecimento do outro, momento de dedicação à corporalidade de outrem na perspectiva de um espelhamento, estudo da presença alheia que fortalecesse a própria presença.



Fonte: registro dos autores

Ganhando ainda mais o espaço e a coletividade, a sequência da disciplina ganhou uma aula dedicada aos grupos a partir de uma sequência de atividades rítmicas a partir do corpo. Aqui as futuras professoras puderam experimentar o ‘criar juntas’, a pulsação do coro, os desafios de perceber seu próprio tempo-ritmo na mesma medida em que percebem e se adaptam ao tempo-ritmo do grupo, experiência de alteridade que se constroi em diálogo com a musicalidade.



Fonte: registro dos autores

A partir daí, pudemos experimentar a dança e o teatro como linguagens artísticas que se assentam no corpo como possibilidade expressiva. A lógica artística ditou o tom dessas aulas ao apresentar a ligação entre técnica e estética, dando espaço para que a expressividade pudesse vazar por entre as escolhas de composição, improvisação e jogos experimentados.



Fonte: registro dos autores

A capoeira também figurou no processo das aulas, oportunidade para que a turma pudesse experimentar e debater os aspectos sociais, culturais e políticos que envolvem essa prática, marcadamente uma das manifestações culturais mais ligadas à cultura brasileira e à própria ideia de brasilidade, dada sua popularidade, diversidade de prática e ligação com o contexto histórico do país. Enquanto prática híbrida entre luta e arte corporal-musical, a capoeira ganhou destaque em nosso processo para que assuntos de ordem identitária pudessem reverberar no debate sobre o papel das linguagens dentro da escola.



Fonte: registro dos autores

Ao final do percurso foi proposto que as participantes elaborassem uma composição poética em grupo - coreográfica, cênica, literária, performativa, entre outras possibilidades- - cujo tema fosse “*o que fica da disciplina de cultura corporal?*”. O resultado desse processo de investigação foi compartilhado com todo o grupo na última aula da disciplina.

Da exposição deste panorama metodológico da disciplina destaca-se a intencionalidade de se criar vivências que passassem por diferentes dimensões de corpo: o corpo sensível, o corpo simbólico, o corpo do jogo, o corpo coletivo, o corpo ancestral, o corpo da técnica, o corpo identidade, entre outros. Tudo convergindo para uma ideia de práticas corporais já citada, aludindo à fenômenos sociais que são formativos e também formam, dão corpo.

O termo práticas corporais é o símbolo linguístico para um conceito que reúne os enunciados acerca dos fenômenos sociais. Em termos teóricos, o termo abarca características ou atributos dos fenômenos chamados de significantes, os quais são concretos e compõem a realidade social, tais como as danças, os jogos, os esportes, as acrobacias, as lutas, as artes marciais. (Silva, 2014, p. 13).

Do exposto, podemos salientar que todo o trabalho foi determinado pelo contexto em que vivíamos, uma volta à vida social pós-pandemia. Portanto, todas as práticas corporais citadas foram, de certa forma, contaminadas como já dissemos pela herança do distanciamento social a que fomos submetidos. A experiência das práticas corporais na formação de professoras redimensionou a ideia de contato, ligação, proximidade, toque, escuta, calma, concentração e presença, aspectos que foram fortemente abalados no período pandêmico.

4 DISCUSSÃO

4.1 O PENSAMENTO DE AULA COMO TERRITÓRIO DE CULTURAS

Ao pensarmos na aula considerando-a como um território de culturas, de polifonia, vale destacar que partimos de olhares e experiências que consideram a potência das chamadas metodologias minúsculas que entrelaçam e consideram a potência da ação de professores-pesquisadores-alunas no momento do acontecimento. “Uma metodologia com letra minúscula, compromissada com as singularidades, com o diferir, com o sabor e o saber criado e vivenciado na pesquisa.” (Ribeiro; Guedes, 2019, p. 18). Daremos não apenas espaço, mas voz e escuta ao que acontece no entre, considerando que exatamente neste espaço é que a vida-aula acontece.

Não nos interessa pesquisar corpo, corporalidade, práticas corporais como cerne de um processo de formação de professoras, a partir da assepsia instaurada por olhares que nos distancia ou oculta as participantes do processo. Nos interessa experimentar possibilidades metodológicas que não se repetem, que não se pode copiar; mas que seja da ordem do acontecimento, da experiência. Diante do esclarecimento, evidenciamos que era dia 23 de junho de 2022, data da nossa última aula do semestre.

Ao retomarmos as falas das alunas que passaram pela experiência vivida com a disciplina aqui destacada, consideramos possível afirmar e assumir que o território instaurado no dia a dia letivo foi se constituindo coletivamente frente a um pensamento de aula que se apoia no corpo e suas possibilidades criativas, sensíveis, de ensino e de aprendizagem.

Conforme afirma uma das alunas na roda de conversa final de um dos encontros

Isso tem a ver com consciência também, estar aberto e exposto a experiência quando a gente tem a consciência de si. Que é o que aconteceu aqui hoje, quando a gente tava (*sic*) consciente do nosso corpo, da nossa visão, do que a gente estava sentindo, a gente estava mais aberto a ter uma experiência positiva. (Afirmção da aluna A durante aula do dia 23 de junho)

Em pesquisa anterior, realizada junto a um grupo de professoras em processo de formação continuada, Ehrenberg e Ayoub (2024) já afirmavam ser “Impressionante notar como as vivências das práticas corporais podem favorecer a aproximação das pessoas. Parece que as barreiras e os distanciamentos entre as pessoas diminuem mais rapidamente e permitem outras aproximações.” (p. 16). Essa constatação é corroborada em alguns momentos das aulas vivenciadas e reafirmada pela aluna B:

As pessoas dessa turma são as únicas pessoas das matérias que eu faço esse semestre que eu converso fora da sala, que eu criei uma proximidade, são as pessoas que eu encontro no corredor e falo oi, se eu encontrar algum de vocês eu falo oi. Eu não conheço ninguém das minhas outras turmas (é interrompida por outra estudante que diz “eu vou cobrar hein!” - risos) (Aluna B durante aula do dia 23 de junho)

É possível que a justificativa para essa sensação de pertencimento ao grupo esteja alicerçada pelo conceito de experiência. Conceito esse que foi problematizado logo no segundo encontro da disciplina⁸ e intencionado ao longo de todo o processo, mesmo sem que os responsáveis pela condução dos trabalhos tivessem clareza do alcance ou não.

Quando verbalizada, a experiência não se coloca de forma transparente, assim como não há correspondência objetiva, exata, entre a experiência e aquilo que se pensa ou que se diz ter experienciado. A experiência permanece, assim, submersa no sujeito, vislumbrada na narrativa, mas mergulhada na corporalidade, e, nem por isso é menos importante. (Silva et al., 2009, p. 22).

Para além da dificuldade em identificar se o processo está afetando as participantes, vale reconhecer a dificuldade em se deixar afetar. “Você viver uma experiência é se deixar vulnerável, então tem um perigo assim, sabe, então por isso que é mais fácil fugir, constantemente fugindo de tudo” (Aluna C durante a aula do dia 23 de junho). Para Larrosa Bondía (2002, p. 25), “o sujeito da experiência está intimamente relacionado com o sujeito que ensina e que está receptivo e disponível para entregar-se à experiência”, bem como a aluna reconheceu em sua afirmação.

A experiência da aula pode ser compreendida como um território de culturas, pois é um espaço onde diferentes saberes, valores, tradições e formas de expressão se encontram e se interconectam. Nesse ambiente, professores e alunas trazem suas próprias experiências culturais, influenciando a dinâmica do aprendizado e promovendo uma troca rica e diversificada. Essa diversidade cultural que constitui o coletivo da aula foi percebida por uma aluna ao afirmar que “É eu estar aqui, entender que eu estou num todo, que eu não sou só um” (Afirmação aluna C durante aula do dia 23 de junho). E foi a partir da coletividade que o reconhecimento da falta se fez presente.

E aí falando, cultura corporal, eu fico pensando quantas culturas trazem o corpo presente, então capoeira, dança, samba, imaginar uma luta, que te põe em contato com o corpo, e com o todo, que te dá esse olho a olho. (...) eu acho que uma atividade dessa tinha que ter várias vezes dentro da universidade pra gente ter esse *approach* de olhar e ver essa contradição na educação”(Depoimento da aluna X ao final do curso)

A possibilidade de experienciar, em contexto de formação de professoras, disciplinas curriculares que se contrapõem a lógica comumente encontrada no cotidiano da escola básica, pode colaborar para a compreensão das lacunas existentes. De acordo com Ostetto (2019), só é possível identificar lacunas e buscar respostas quando sentimos falta de algo e quando temos perguntas a fazer. Conforme sugere a autora, “a experiência será sempre muito maior que a explicação e, talvez, as

⁸ Conceito lido e discutido em aula a partir do texto de LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

palavras possam empobrecer a experiência [...] (p.55).

Foi sob tal premissa que nos submetemos à experiência de compartilhar uma disciplina que se propôs a ser vivida de corpo inteiro, afinal já nos sentimos fartos do cartesianismo instaurado pela instituição escolar e corroborado por Ostetto (2019) ao indagar “Que tipo de formação temos feito no curso de Pedagogia, que separa arte e vida, corpo e mente (e nem se fala em alma?)” (p. 59)

Afinal, conforme reconhece a aluna D em depoimento na aula “Pra você ser uma professora, educadora, você precisa estar presente é, eu vejo pelo menos assim, tipo SEU CORPO”. Portanto, estabelecer a inquietação a partir da coletividade constituída como um território cultural de professoras em formação, poderá se tornar potente em reverberações posteriores na escola básica.

5 CONCLUSÃO

A partir de nossa experiência, pudemos identificar nas práticas corporais um caminho significativo na formação de professoras, considerando seu papel no âmbito da cultura em sua dimensão antropológica (Botelho, 2001). Identificamos o impacto de uma abordagem formativa que prioriza a integralidade do ser e saber corporal no desenvolvimento de capacidades pedagógicas que vão além das dicotomias entre teoria e prática (Freire, 2016), instaurando uma compreensão de aprendizagem que se dá pelos sentidos, pela experiência (Bondía, 2002) e pelos aspectos culturais do corpo em sociedade.

Em nossa pesquisa, destacamos o papel da disciplina conduzida pelos autores na recondução de um cotidiano de aula pós-pandêmico, período em que se fizeram necessários procedimentos de trabalho dedicados a renaturalização do contato, do toque, da efetividade do olhar e da ressignificação do corpo como possibilidade criativa, simbólica, terreiro de assentamento de aprendizagens, e não apenas como perigo sanitário.

Reforçamos a necessidade de pensar, pesquisar e praticar a formação de professoras tendo a cultura corporal como objeto disparador, a fim de que a prática em sala de aula seja lugar em que ser e saber sejam dimensões indissociáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às alunas participantes da disciplina que, de corpo inteiro, colaboraram para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>. Acesso em: 7 jun. 2025.

COELHO, T. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 2007.

EHRENBERG, M. C. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 181-198, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/3yTxSh9NjtZbDFbNqYL9c wd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2024.

EHRENBERG, M. C.; AYOUB, E. Práticas corporais na formação continuada de professoras: sentidos da experiência. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 46, e217737, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/BtGhT5s4RXshnRHfxDRrQqx/?lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2024.

EHRENBERG, M. C.; MIRANDA, R. C. F.; CARBINATTO, M. V. Nos entrelugares das práticas corporais: circo e ginástica em tempos de pandemia. In: VIEIRA, R. A. G. (org.). *Desafios pandêmicos: a educação física frente à crise*. Belém: RFB, 2022.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

OSTETTO, L. E. A pesquisa em círculos tecida - ensaios de metodologia errante. In: RUFINO, L. *Vence demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SILVA, A. M. et al. Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. C. (orgs.). *Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in)tensas experiências*. Florianópolis: Copiart, 2009. p. 5-10.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2014.

SHUSTERMAN, R. *Consciência corporal*. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

WILLIAMS, R. Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILLIAMS, R. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.